

WALTER DA SILVEIRA E O CLUBE DE CINEMA DA BAHIA

Thiago Barboza de Oliveira Coelho¹

Resumo: Este trabalho se concentra em apresentar uma proposta focada na análise do papel desempenhado pelo advogado, militante político e crítico de cinema, Walter da Silveira como peça chave na formação de uma geração de estudiosos e cineastas, que promoveram uma relevante produção para o desenvolvimento da atividade cinematográfica brasileira. O desenvolvimento de iniciativas como a fundação do Clube de Cinema da Bahia e o curso de cinema ministrado em parceria com a UFBA, aliados a sua produção intelectual, destacam o papel de Walter da Silveira como um agente fomentador da cultura baiana. Tais atividades suscitaram uma efervescência no debate, estudo e produção cinematográfica, tornando Salvador um pólo difusor de cultura fílmica de vanguarda, que teve no Cinema Novo sua representação mais marcante.

Palavras-chave: História; Cinema Baiano; Estudos Culturais

Abstract: This work concentrates in presenting a focused proposition on the analyses of the role played by the lawyer, political militant and movie critic, Walter da Silveira as fundamental key for the formation of a generation of students and moviemakers, that promoted a significant production for the development of brazilian cinematography activity. The development of initiatives like the foundation of the “Clube de Cinema da Bahia” and the movie-making classes produced with the help and partnership of UFBA, allied with him intellectual production, highlights the role of Walter da Silveira as an important cultural promoter. Such activity inspired the development of studies, intellectual production and movie-making, turning Salvador in a cultural movie vanguard city, that had on the "Cinema Novo" its most important representation.

Keywords: History; Cultural Studies; Cinema; Bahia

Introdução

Na Bahia da década de 1950, em pleno fôlego desenvolvimentista ancorado pela vigente conjuntura política e cultural, os cinemas estavam lotados de soteropolitanos ansiosos para assistir a produções hollywoodianas. No imaginário do grande público habitavam divas e heróis, astros e estrelas, agentes difusores do *american way of life*. Neste mesmo ano, uma iniciativa irá repercutir de forma incisiva na formação de uma nova geração de apreciadores, críticos e idealizadores da sétima arte. Esta, inspirada em movimentos cinematográficos inovadores, como o cinema político soviético de Eisenstein e Vertov, o neo-realismo italiano e, posteriormente, a *Nouvelle Vague* francesa, promoverá uma releitura da forma de produzir e refletir a arte fílmica na Bahia. Este empreendimento, inédito em terras baianas, foi a

¹ Mestrando do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA e bolsista Capes.

fundação do Clube de Cinema da Bahia², idealizado e implementado sob a égide do intelectual Walter da Silveira.

Antecedentes

No período que antecede o surgimento do Ciclo Baiano de Cinema e o Cinema Novo, temos uma clara dominação das produções hollywoodianas. Essa situação é agravada, principalmente, pela instalação de distribuidoras estrangeiras no mercado nacional, sufocando assim a já enfraquecida produção brasileira, que ficará reduzida a filmagens de documentários e cine-jornais:

Os europeus e os norte-americanos enchiam o Brasil de filmes de ficção, pois a indústria vinha se desenvolvendo exclusivamente em função do filme de enredo. Aos produtores que atingiam os mercados internacionais, porém, não interessavam assuntos de alcance, digamos, municipal. Criou-se assim uma área livre, fora da concorrência dos produtores estrangeiros. Desenvolveu-se uma produção de documentários – ou naturais como chamados na época – e de cine-jornais. Um levantamento da exibição cinematográfica em São Paulo até 1935 indica que nada menos de 51 jornais cinematográficos brasileiros apareceram nas telas paulistas neste período. A maioria tem vida curta, outros não, como o Rossi Atualidades que vai quase sem interrupção de 1921 a 1931 (BERNADET, 1979: 23).

Logo em seguida a essa fase, temos a ascensão do gênero da chanchada que vai chegar ao seu auge em meados da década de 50, principalmente em decorrência do surgimento das empresas cinematográficas Atlântida e Vera Cruz. Esta última vai adotar plenamente a estética e as técnicas norte-americanas de se fazer cinema, porém sua falta de qualidade (principalmente no que se refere aos roteiros), aliada aos altos custos de suas produções tornará previsível a sua derrocada (SIMONARD, 2006: 33-34). Para os estudiosos e críticos de cinema, a empresa já nascera fadada ao fracasso. Serão essas concepções que os futuros cineastas cinemanovistas irão atacar de maneira veemente ao propor um cinema anti-industrial, que se propusesse olhar a realidade social e econômica do Brasil, transportando-a para tela.

Para o melhor entendimento da questão concernente à dominação da cinematografia norte-americana nas salas brasileiras, podemos aplicar as teorias e conceitos estabelecidos pelos autores da Escola de Frankfurt, principalmente no que se refere à “indústria cultural”. Este conceito fora formulado pelos pensadores Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, durante a década de 30. Estes autores observaram de maneira perspicaz que o capital havia invadido o processo de construção social do sentido, submetendo a própria consciência à lei do valor. O fundamental aqui é o processo social de mercantilização dos bens culturais,

² Doravante CCB

transformando-os em bens de consumo (RÜDIGER, 1999: 16). Os autores frankfurtianos ao destacarem a subsunção não só da distribuição, como também da própria produção dos bens simbólicos à lógica capitalista, perceberam o fenômeno da reprodução padronizada destes bens, que passaram a ser produzidos e difundidos em escala industrial. Este fato, de acordo com Adorno, promoveu a concepção de uma universalidade dos valores e aspectos simbólicos, difundidos pela indústria cultural, em detrimento dos aspectos espontâneos e idiossincráticos das realidades locais.

A partir do conceito apresentado de indústria cultural, podemos estabelecer um diálogo entre este e a concepção de hegemonia formulada por Antonio Gramsci. A idéia gramsciana de hegemonia “sugere que uma determinada classe domine e subordine significados, valores e crenças a outras classes” (LIMA, 2005). Nesse sentido, a classe hegemônica impõe um sistema de significados e valores, que dizem respeito à totalidade da vida, com a finalidade de manter as relações sociais e simbólicas que constituem e perpetuam a sua dominação (WILLIAMS *apud* LIMA, 2005).

Podemos entender, dessa maneira, que a partir da produção e difusão em larga escala promovida pela indústria cultural, esta estabelece de maneira efetiva a predominância da estética, concepções e valores inerentes a sociedade norte-americana nos meios baianos, através de sua cinematografia. Constituindo assim sua hegemonia ideológica.

Walter da Silveira, Cineclubismo e a Efervescência Cultural.

Os estudos realizados acerca da cinematografia baiana, ou com ela relacionados, têm como ponto comum a grande ênfase dada ao movimento do Cinema Novo. Com efeito, escassos são os trabalhos acadêmicos dedicados a ampliar nossa compreensão acerca do papel de Walter da Silveira na história cultural baiana. Mesmo os poucos artigos e capítulos de livros dedicados a este centram seu enfoque no que há de paralelo entre Walter da Silveira e o movimento cinemanovista, ficando a especificidade da sua atuação relegada a um segundo plano.

Nascido em Salvador no dia 22 de julho de 1915, Walter Raulino da Silveira, filho do casal Ariston Augusto Côrte Imperial da Silveira e Elvira Raulino da Silveira, mostra desde cedo sua inclinação para a atividade intelectual e sua paixão pelo cinema. Já aos 13 anos, em 1928, redige pequenas notas no jornal *O Imparcial* sobre a arte cinematográfica e teatral.

Vai iniciar seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1931, formando-se quatro anos depois. Nesse período manterá sua contribuição para diversos periódicos, tais

como *O Diário de Notícias*, *Hoje* e o jornal estudantil da Associação Universitária da Bahia (AUB).

Durante seus anos como estudante universitário, Walter da Silveira entrará em contato com a política de esquerda, que o levará a entrar para a Juventude Comunista e a fundar o Sindicato dos Estudantes da Bahia em 1934. No ano seguinte, Silveira passará a integrar os quadros da Aliança Nacional Libertadora (ANL), criando em seguida, A Frente Única Juvenil Contra o Fascismo. Já no ano de 1945, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), permanecendo neste até 1957.

Na sua carreira como jurista, seu posicionamento político refletirá de maneira clara, como ao abandonar o cargo de Juiz de Direito no interior do estado para trabalhar como advogado trabalhista, atuando em diversos sindicatos, à exemplo: dos Trabalhadores da Indústria de Destilação, Bancários, Exibidores Cinematográficos, Construção Civil e outros mais.

Durante todo seu período em atividade, Walter da Silveira manter-se-á sempre escrevendo, principalmente sobre sua maior paixão: o cinema. Serão inúmeras críticas, ensaios e artigos (sem falar nos livros), publicados em diversos jornais e revistas sobre a sétima arte.

Walter da Silveira viria a falecer no dia 5 de Novembro de 1970, vítima de câncer renal, deixando para as gerações futuras um vasto legado cultural

Atuando como fomentador cultural em projetos significativos como o Clube de Cinema, Walter da Silveira se constituiu como uma das figuras de maior influência no desenvolvimento do cenário cinematográfico no estado da Bahia. Tais atividades, que incluíram também a criação do curso de cinema realizado em parceria com a UFBA, a realização do Ciclo Baiano de Cinema, além de suas críticas e artigos publicados nos periódicos baianos, suscitaram uma efervescência no debate, estudo e produção cinematográfica, tornando Salvador um pólo difusor de cultura cinematográfica de vanguarda, que teve no Cinema Novo sua representação mais marcante. O trabalho pioneiro desenvolvido por Walter da Silveira foi decisivo na formação de um novo grupo imbuído de um espírito renovador, desejoso por contestar a vigente ordem cultural. Este, composto por célebres personalidades do panorama cultural tais como: Glauber Rocha, Roberto Pires, Orlando Senna e José Umberto Dias e outros, estavam no cerne do movimento cinemanovista.

A maior realização de Walter da Silveira foi, sem dúvida, o estabelecimento do CCB em maio de 1950. Reconhecer essa importância é fundamental para a compreensão do fenômeno cinemanovista. Não somente na Bahia, mas também ao longo do país, os clubes se

constituíram como estruturas de sociabilidade dos participantes do Cinema Novo. Foram nos clubes onde estes futuros cineastas não apenas tiveram acesso as mais importantes obras do cinema, mas também oportunidade de travar discussões teóricas e políticas sobre as películas exibidas. Para Zelito Viana, cineasta e produtor cinemanovista:

Os cineclubes foram fundamentais porque, naquele tempo, e até hoje, o cinema no Brasil era muito mal visto, vem muito pouca coisa (do exterior) (...) só vem aquilo que as grandes distribuidoras querem. Naquele tempo, o cineclube era fundamental, absolutamente fundamental para a formação das pessoas porque só se pode formar cineasta vendo filme (VIANA apud SIMONARD, op cit: 74).

Walter da Silveira, desde o início de sua carreira como ensaísta e crítico de cinema, já vislumbrava a necessidade de se promover iniciativas que contestassem a massificada cultura cinematográfica vigente, principalmente na sociedade baiana, como mostra seu desabafo num artigo escrito em 1949:

Por que, então, na Bahia não se organiza um clube de cinema? Se há cidade das importantes no Brasil que precise de um clube de cinema é essa. Isto porque, com o domínio do mais baixo mercenarismo nas casas de exibição, sucumbidas ao peso do imperialismo cinematográfico americano, raramente se projeta uma película que seja, em verdade, uma obra de arte (SILVEIRA in DIAS, 2006: 164).

Uma vez estabelecido, o CCB inicia seu papel como agente que visa promover a formação e a informação. Seu maior destaque é sua atuação como uma escola de cinema, preenchendo a lacuna existente graças à ausência de curso e matérias específicas dentro dos meios universitários. A partir das observações de Zelito Viana e de Walter da Silveira torna-se fácil observar a importância do CCB na formação do movimento do Cinema Novo, como bem salienta André Setaro:

Não resta dúvida, porém, que o aprendizado do cinema, da arte do filme é feita nas sessões do Clube de Cinema da Bahia. Descobrimo-se o neo-realismo italiano e a escola soviética, Glauber Rocha, mentor intelectual de toda a escola baiana, desperta para a possibilidade de fazer, aqui, um cinema voltado para o drama do homem brasileiro (...). E, com isso, alavanca o Cinema Novo nas páginas do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (...) (SETARO, 1997: 27-28).

As diversas iniciativas promovidas por Walter da Silveira, somadas a conjuntura sociopolítica favorável originada pelo surto desenvolvimentista do estado da Bahia, contribuíram de forma significativa para formação de um contexto cultural baiano propício não só para o estudo e análise do cinema, como também para constituição da Bahia como pólo para as produções cinematográficas neste período. O papel de destaque assumido pelo estado no âmbito cinematográfico brasileiro foi uma grande novidade, visto que até então o estado baiano encontrava-se num hiato produtivo, excetuando-se produções pontuais, tais como as de Alexandre Robatto Filho, Rex Schindler e Leão Rozemberg.

Esse período de efervescência, que vai de 1959 até 1964, ficará conhecido como o Ciclo Baiano de Cinema. Nesses cinco anos teremos a produção de sete longas-metragens, além de diversas curtas. Películas como *Redenção*, *Barravento*, *A Grande Feira*, *Tocaia no Asfalto*, *Mandacaru Vermelho*, *Sol Sob a Lama* e *Bahia de Todos os Santos*, marcaram significativamente o modo de se fazer cinema na Bahia e no Brasil. Aqui se destacaram nomes como os de Glauber Rocha, Orlando Senna, Roberto Pires, Alex Viany e outros.

Ancoradas nas idéias dos movimentos cinematográficos em voga na Europa, notadamente o neo-realismo italiano, aqui muito difundidas por Walter da Silveira, essas produções farão com que a atenção de produtores do resto do país, e do exterior, se volte para o cenário baiano, além de atrair alguns deles para a capital soteropolitana e interior do estado. Segundo escreve George Sadoul, historiador e crítico francês, no jornal *Les Lettres Françaises*, a Bahia teria se constituído na Meca do cinema (SETARO, *ibid*: 21). O destaque dado a essas produções vem do caráter inovador em sua linguagem e na maneira de serem concebidas. Aspectos como o enfoque dado às questões sociais e a evidenciação de elementos ligados à regionalidade, associados a uma nova estética, em produções de baixo custo, caracterizarão uma nova maneira de fazer cinema, endossando assim a grande máxima “glauberiana” de uma câmera na mão e uma idéia na cabeça.

No entanto, o Ciclo Baiano de Cinema mostra-se efêmero, como se afere no seu período de duração, que se restringiu a cinco anos. A falta de continuidade do Ciclo deveu-se a questões de ordem financeira. Como bem salienta André Setaro ao citar o produtor Rex Schindler, o Ciclo Baiano de Cinema acaba em decorrência da falta de retorno do capital investido, conseqüência esta da má distribuição dos filmes. Apesar da rápida vigência do Ciclo, este será de suma importância para o futuro panorama do cinema nacional, como descreve a pesquisadora da Jornada Internacional de Cinema da Bahia, Izabel de Fátima Cruz Melo:

Este modesto evento (Jornada Baiana de Curta Metragem) congregava um esforço de uma geração que tentava retomar o brilho e o vigor do Ciclo Baiano de Cinema (...) ocorrido entre o fim da década de 50 e metade dos anos 60. O Ciclo foi o embrião do movimento cinemanovista, que buscou novas maneiras de criar e produzir na linguagem cinematográfica (...) (MELO, 2004: 38).

Nas obras de diversos autores, estudiosos do cinema nacional, tais como Jean-Claude Bernardet, Maria Rita Galvão e Paulo Emílio Salles Gomes, encontramos explícita a idéia do Cinema Novo como um movimento artístico e cultural imbuído de um caráter nacionalista e contestador, que buscou fundamentar-se principalmente nas bases populares, questionando a supremacia exercida pelo cinema internacional – notadamente o já citado cinema hollywoodiano – no Brasil.

O aspecto renovador das ações de Silveira encontra-se no fato destas terem colaborado para a consolidação de um projeto, tal qual o CCB, como pólo fortemente representativo de aglutinação de informações, conhecimentos e de uma nova intelectualidade voltada para a questão do cinema, produzindo um amplo conhecimento reflexivo sobre o tema. Possibilitando assim a propositura de adoção de um arcabouço teórico e estético mais adequado à realidade da problemática referente à difusão e real apreciação do cinema de arte na cidade de Salvador, bem como no resto do país.

A partir das ações acima citadas, podemos compreender que Walter da Silveira não apenas questionará essa hegemonia estabelecida, como também irá propor alternativas a ela. Ao atuar como ‘agente fomentador’ de idéias, Silveira assumirá o papel de ‘intelectual orgânico’ formulado por Gramsci. Este intelectual, segundo Gramsci, deveria estar na vanguarda da teoria intelectual e, além disso, não poderia absolver-se da responsabilidade de transmissão de idéias e conhecimento, exercendo assim funções culturais e educativas para com aqueles que não pertencessem à classe dos intelectuais (HALL, 2000: 72).

Considerações Finais

O presente texto tem por finalidade apresentar o objeto de trabalho, ainda inédito, que está sendo desenvolvido no mestrado do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. Têm-se como proposta principal analisar a relevância de Walter da Silveira e de suas atividades como impulso fundamental para o desenvolvimento do cenário cultural cinematográfico baiano, bem como a formação de uma intelectualidade cinematográfica que irá compor os quadros, tanto do estudo como da produção do Cinema

Novo e do Cinema de Contra-Cultura na Bahia.³ Para este fim faz-se necessário buscar uma abordagem interdisciplinar estabelecida através do diálogo entre a História e os Estudos Culturais.

A necessidade de empreender um estudo apurado sobre Walter da Silveira não é simplesmente de ordem acadêmica, mas também de suma importância para trazer à tona para sociedade baiana a relevância da vida e obra de um de seus mais ilustres intelectuais e animadores culturais, que vem sido negligenciado.

Bibliografia

- BERNADET, Jean-Claude. *Cinema Brasileiro: Propostas para uma História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura da Bahia nos anos JK (1956 – 1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- _____. *A nova onda baiana: cinema na Bahia 1958 – 1962*. Salvador: EDUFBA, 2003.
- DIAS, José Umberto (org.). *Walter da Silveira O eterno e o efêmero*. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais Ltda. 2006.
- HALL, Stuart. “O legado teórico dos *cultural studies*”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*; Universidade Nova de Lisboa, nº 28, 2000.
- LIMA, Raquel Souza. “O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência” In: *Revista Cantareira*, vol. 8, 2005.
- MELO, Izabel de Fátima Cruz. “Jornada Internacional de Cinema da Bahia - espaço de reflexão e resistência (1972-1975)”. In: *O Olho da História*, Salvador, v. 6, n. 6, p. 38-41, 2004.
- NONATO, Raimundo. “*Fazendo fita*”: *cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 – 1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- RÜDIGER, Francisco. *Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

³ Movimento Inspirado no Cinema Marginal. Na Bahia será representado principalmente pelos filmes: *Meteorango Kid – O herói intergaláctico*, *Caveira My Friend*, *Akpalô* e *O Anjo Negro*. Dirigidos por André Luiz Oliveira, Álvaro Guimarães, José Frazão (em parceria com Deolindo Checucci) e José Umberto, respectivamente.

SETARO, André. Bahia Cinema 65-71 - Nascimento do Surto Contracultural. In: *Revista da Bahia*. V. 32 n °25. Salvador: Egba, 1997

_____. Um Copião de Problemas. In: *Revista da Bahia*. Nº13. Salvador: Egba, 1989.

_____. *Cidadão Walter I*. Extraído do link:

<http://www.coisadecinema.com.br/matArtigos.asp?mat=1806> em 08/11/2007.

_____. *Cidadão Walter II*. Extraído do link:

<http://www.coisadecinema.com.br/matArtigos.asp?mat=1811> em 08/11/2007.

_____. *Duas Histórias da Bahia*. Extraído do link:

<http://www.coisadecinema.com.br/matArtigos.asp?mat=1876> em 08/11/2007.

SILVEIRA, Walter da. *A História do Cinema Vista da Província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

SIMONARD, Pedro. *A geração do Cinema Novo: para uma antropologia do cinema*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006. V. 1, P.74.